

MATERIALISMO

Falou-se muito — dizia eu — de comunismo no Norte do Paraná, e isso por causa dos acontecimentos da Focacatu e de toda aquela zona entre Londrina e o Paranapanema que chegou a ser chamada de Coréia do Norte. Muita gente chegou a pensar que o comunismo no Brasil tinha finalmente se infiltrado no campo e se organizado entre os camponeses — para usar a linguagem sua predileta.

Minha impressão, entretanto, é que no Norte do Paraná, como em qualquer parte do Brasil, o comunismo continua a ser um fenômeno urbano; e aqui sua força está principalmente em Londrina. Sua influência na roça foi apenas um episódio — não criado, mas explorado, em dado momento, pelos comunistas. Já mostrei a origem da questão de terras, e a tremenda injustiça feita aos posseiros de boa fé. A exploração comunista apenas agravou um conflito tornado inevitável pelas loucuras oficiais na política patrimonial. Encerrado o episódio, essa influência desaparece ou se reduz a quase nada. E nem poderia ser de outro modo em uma sociedade extremamente móvel, não somente no sentido horizontal, como no vertical — onde, ainda agora, uma parte ponderável da população ainda está constantemente a mudar de terra e de posição econômica. Essa instabilidade, essa esperança de enriquecimento individual pelo trabalho e pela astúcia, criam um clima nada propício a uma organização de partido comunista. O surto comunista, consideravelmente exagerado pelo noticiário, é aqui, como tudo é aqui, uma aventura. Foi, repito, um episódio. O que há de relativamente fixo, em Londrina, é o que existe em qualquer cidade brasileira de população idêntica e de industrialização ainda incipiente. Os próprios partidos burgueses não conseguem, nas zonas mais jovens, uma organização estável. Quem poderá dizer quais serão os homens influentes politicamente na próxima eleição em Maringá ou Campo de Mourão? Daqui até lá muitos dos eleitores atuais terão partido e muitos outros novos terão chegado.

Em Londrina há, pelas paredes, muitos cartazes de uma campanha anticomunista, empreendida não sei por quem. Todos esses cartazes têm um "slogan" comum, e que me pareceu típico do espírito desta zona: "o comunismo não compensa". De tudo o que se diz contra o comunismo nessa campanha o que pareceu aos seus adversários que deveria ser repetido era isso. Este o "apelo" principal dessa publicidade. Em outras regiões do Brasil esse "apelo" seria a oposição do comunismo a Deus, ou à liberdade, ou à honra das famílias, ou à independência da Pátria, etc. Aqui não; nestas terras onde só se fala de trabalho e de dinheiro a linguagem adotada é uma linguagem de negócios: "não compensa". Como o crime, na campanha americana para desanimar os candidatos a "gangsters". O comunismo é apresentado assim, antes de mais nada, como um negócio que não interessa, materialmente: um atraso de vida.

Não sei quem escolheu essa frase, mas ela exprime com uma curiosa justeza o espírito fortemente materialista de uma zona pioneira, habitada principalmente por forasteiros que aqui vieram para fazer dinheiro. Qualquer preocupação estranha a isso — política, religião, filosofia, arte — só pode ser provisória ou superficial em uma sociedade móvel e imediatista que, para repetir uma frase do sr. Arthur Santos, "tomou a terra de assalto".

(2 Rep. Paraná)

30/1/52 B.